

ANIMATÓ GRAFO

DIRECTOR - ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 4 ● 1$50



Todos os nossos leitores invejam certamente a sorte de Johnny Weissmuller, o ex-campião olímpico de natação, provisòriamente elevado à categoria de vedeta, para emprestar a plástica perfeita à personagem de Tarzan, o homem-macaco. Para o «lançar», a Metro rodeou o astro dum enxame de satélites, escolhidos entre as mais graciosas das suas «girls». Rosna-se agora em Hollywood que a série foi interrompida a pedido de Johnny, por já não poder aturar os ciúmes de Lupe Velez, que o nadador herdou de Gary Cooper... e de *tutti quanti*. Ao que nos disseram, êste grupo foi o último que fez no atelier de Ray Jones, o célebre fotógrafo.

UM HOMEM FELIZ

Página do OLAVO

Meu caro Cottinelli Telmo:

Disseram-me que vais fazer um filme a que chamas «Canção de Lisbôa». Gosto do título. E' sugestivo, é popular, mas o outro que tinhas pensado primeiro era mais da minha simpatia. «Meninas, vamos ouvir», não era nada vulgar, mesmo nada, mas se calhar, já sei, não tinha cartaz e, portanto, não era comercial. Tens razão. Não penses que eu sou dêsses que se irritam contra a tal história do ser ou não ser comercial.

Pelo contrário. Cada vez estou mais virado para o comércio, para as suas vantagens, processos e respectivos cartazes. Tens razão, Telmo, e já agora aguenta-te. Não faças um filme artístico; seria um fiasco dolorosamente belo, desusadamente lírico. Se fizeres arte, daquela arte que a gente sabe, não terás mais espectadores do que os teus amigos e meia dúzia de cinéfilos febris. Faze apenas aquilo que tu anunciaste há dias no *Diário de Notícias*: um filme alegre, simpático, acessível, com o máximo de juventude e uma frasesinha musical, daquelas que já ouvimos muitas vezes mas que não nos cançamos de ouvir.

Não conheço ainda o entrecho do teu filme; ainda não mo contaste, o que não admira porque passamos frequentemente muitas semanas sem nos vermos. Não sei o que é mas tenho a certeza de que ha-de ser engraçado e inteligente.

Deve ser pelo menos aquilo que tu quizeste fazer e se alguem, depois, quizer discutir o caso, não hesites: manda-o á fava porque êsse tipo não sabe com certeza de que se trata.

Vais vêr-te à brocha para arranjar as tais dez raparigas frescas e bem falantes que, segundo me consta, são indispensáveis para o teu filme.

O *Diário de Lisboa*, coitado, lá anda a pedinchar por êsse Portugal fóra, fotografias de raparigas fotogénicas e alegres. Eles parecem animados e têm publicado mesmo várias fotos de jóvens portuguesas que se apressaram a responder à aliciante chamada. Ora tu sabes tão bem como eu (e deves estar a tremer) o que serão as dez raparigas alegres, bem falantes e fotogénias que vocês, depois de muito e confrangedor trabalho, hão-de acabar por descobrir.

Nêsse pelotão de juventude que ficará célebre nos anais da «Tobis Portuguesa», ha-de haver de tudo um pouco: raparigas aleges, raparigas bonitas, raparigas que saibam dizer (dessas, só uma) e raparigas fotogénicas. Completas, com todas as qualidades reunidas, garanto-te que não encontras nenhuma.

Conta, porém, com a nossa simpatia e com a velha pequenez do nosso meio. Descansa; havemos de achar piada ao grupo de jóvens que, se não conhecemos já pessoalmente, conhecemos pelo menos de vista. A Maria Manuela, a Carolina, a Fifi e as outras sete hão-de fazer o possível por nos agradar, o que não lhes será difícil, porque o realizador és tu, e não me consta que o meu amigo Cottinelli Telmo deixasse até agora naufragar qualquer coisa onde se metesse.

Vais-me fazer uma promessa; has-de mostrar-me a colecção de fotografias que receberes durante o concurso aberto pelo *Diário de Lisboa*. Êsse género de coisas é o meu fraco.

Vêr as fotografias e as cartas das pessoas que em Portugal querem fazer cinema é uma espantosa aventura.

Como êles se fotografam, como êles escrevem, como êles imaginam as suas personalidades é a revelação duma tara que só o nosso século poderia provocar.

Não esqueceste, com certeza, o célebre recenseamento artístico da «Imagem» e da Paramount! Apareceram centenas de fotografias impressionantes e centenas de cartas analfabetas e doentes. Havia de tudo: senhoras casadas, raparigas solteiras, funcionários públicos, rapazes incompreendidos pelas famílias, polícias, comerciantes, faroleiros, fadistas e um visconde. E depois as fotografias que êles mandavam em «maillot»! Não fazes ideia. Houve um, por exemplo, que juntou à sua apaixonada e inconsequente declaração pela arte sublime do cinema, um bilhete postal encantador; vestia um «maillot» muito largo sôbre a plástica extremamente magra, peluda e torta; calçava sapatos, meias e ligas e destacava-se na atitude esmagativa do atleta que vai arremeter, num fundo de atelier fotográfico provinciano onde havia um arvoredo morto de cortiço. Êste é o mais célebre de que me recordo, mas havia mais e melhor.

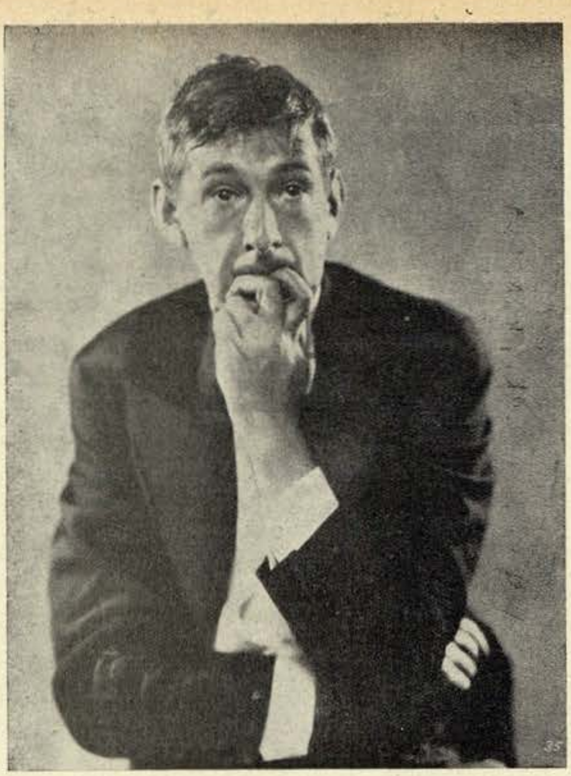
Tu conheces-me bastante para saber que estas minhas palavras não são nem péssimistas, nem nenhuma dessas coisas que terminam em istas, como, por exemplo, Bonapartistas. Trata-se apenas de brincar mais uma vez com a vida, encarando-a pelo seu aspecto cómico que é quási sempre para o público o seu aspecto sério e razoável. Eu descobri (naturalmente já estava descoberto) um truc para ser optimista quando escrevo. Sabes qual é? Dizer sempre a verdade.

(Conclúi na pagina 5)



Mieux est de ris que de larmes escrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme'

RABELAIS



Slim Summerville

ALÉM de muitas outras qualidades, que fazem dêle uma das obras mais notáveis do fonocinema, êsse espantoso filme de Tay Garnnett a que em Portugal se chamou «Um Valente», revelou-nos a silhueta esgalgada e a personalidade inconfundível de Slim Summerville. A sua imprevista aparição e a conseqüente «cena dos chapéus» representam, sem dúvida, uma das melhores expressões do «cómico cinematográfico» tão mais difícil de obter que o cómico teatral e ainda mais que o cómico literário.

Considerando «cómico» tudo aquilo que é susceptível de provocar o riso, vejamos quais são as principais razões que tanto dificultam a obtenção do cómico no cinema.

A objectiva não produz o que lhe mostram: transpõe. Essa transposição efectua-se em ambos os sentidos, positivo e negativo, isto é: umas vezes exagera, outras vezes atenua a realidade. E' bem difícil prevêr quando acontecem uma ou outra coisa, pois que isso depende de mil e um factores que escapam às leis ainda rudimentares da técnica cinematográfica; e com uma e outra têm de contar os realizadores temerários que se proponham fazer rir os freqüentadores das salas de cinema. O cómico pode resultar da situação, das atitudes ou das expressões das personagens dum filme, ou ainda ser alheio a elas, residindo na «atmosfera» que as rodeia, como acontece em «Os novos senhores» de Jacques Feyder. Mas quási sempre vem das personagens, do que elas são, do que elas dizem ou do que elas fazem. E há que regular tudo isso de tal forma que o cinema nunca atraiçoe a intenção do autor dificultando a tarefa do actor. E' ainda mais freqüente ver um efeito cómico prejudicado por insuficiência ou por excasso que o mais ingrato dos efeitos patéticos.

Porisso os animadores de farsas cinematográficas sempre tiveram a nossa admiração, e os seus intérpretes sempre tiveram em nós o mais atento s propício dos espectadores.

Slim Summerville conquistou um lugar de eleição no nosso rol de bons artistas cómicos, dignos de registo e de estudo. O seu «tipo» distingue-se de todos os outros pela simplicidade de processos que utiliza para fazer rir. Não explora a fatalidade, como Charlot; nem a despreocupação, como Harold Lloyd; nem a estupidez, como Laurel & Hardy; nem a serenidade, como Buster Keaton; nem a desordem, como os irmãos Marx. Tudo o que faz é previsto, consciente, inteligente, humano, organizado. Não é um ingénuo como Harry Langdon, nem um pedante como Charlie Chase. E' um sonso simpático, cheio de ronha e de recursos. Compôs a personagem estranha dum *corneteiro de marinha*, conquistador irresistível, que sabe aproveitar melhor que ninguém, o prestígio do uniforme.

Cada um dos seus filmes narra uma das suas aventuras amorosas. São aventuras pouco complicadas, em que o amôr é reduzido às suas funções de prática agradável, sem platonismos românticos nem requintes cínicos, sem antecedentes nem conseqüências. Amor por «sex appeal», inexplicável no que se refere ao nosso heroi, que é do mais desajeitadão que dar-se pode. Mas é essa exactamente a anotação cómica mais notável da série de Slim Summerville. O corneteiro ama com tanta convicção e segurança que atravessa impunemente a zona perigosa do ridículo. O seu segrêdo está em fazer de cada espectador um confidente das suas aventuras. E os homens «acham piada» àquele magrizela que traz pelo beicinho tantas e tão bonitas raparigas. E as senhoras não desgostam do seu cavalheirismo — nem do seu descaro...

Os temas de Slim Summerville, engendrados por Francis J. Martin e Sidney Levee, dois dos melhores «gagmen» de Hollywood, parafraseiam o tema clássico de «Uma rapariga em cada pôrto» e a da série de Flagg & Quirth («O preço da glória», «O Mundo às avessas», «Mulheres de todas as nações»). Um marinheiro de arribação é sempre um caso sério. E são inevitáveis as rivalidades mais ou menos desleais entre dois companheiros de armas de gôstos semelhantes.

O rival de Slim Summerville chama-se Eddie Gribbon e é sargento. Intratável e apaixonadiço como os sargentos que se prezam. A sua silhueta contrasta curiosamente com a do seu rival e subalterno. É forte, atarracado e reluzente; fala sem descerrar os dentes o mais cerrado «slang» (o inglês de Slim é impecável) — e tem um fraco decidido pelas moreninhas.

Slim faz sempre dêle gato sapato. Rouba sem vergonha o coração de todas as que lhe dão trela. Mas trata sempre de lhe manifestar a mais cordeal camaradagem, chamando-lhe invariàvelmente «Sargie old pal»...

Ignoramos se o público português aprecia devidamente o «género» de Slim Summerville. Dum modo geral, a nossa gente é pouco sensível ao «humour». Na América deliram. Tanto assim é que Slim viu renovado agora o seu contrato com a Universal. Mas parece-nos injusto, quási inadmissível que haja quem não se ria com farsas da qualidade de «Pagode chinês» (Peeking in Peking), «O amor no saco» (In the bag) ou «Quente como lume» (Hotter than Haiti).

Aos iniciados, que admiram como nós a graça insinuante e subtil de Slim Sumerville, recomendamos uma farsa que a Agência H. da Costa vai apresentar num dos seus próximos programas: «Slim na praia» (Bless the ladies), em que reencontramos o ambiente e o ritmo das antigas comédias de Mack Sennett, com as suas banhistas de parada.

O realizador habitual das farsas de Summerville é um cavalheiro chamado Harry J. Edwards e que nem sempre está à altura dos seus dois intérpretes principais. Mas o sonoro complicou extraordinàriamente a realização dos filmes cómicos. Obras como «Pamplinas de pijama», «Louco pelo cinema» ou «O pecado do sr. Hardy» vêem-se ao lá vem uma — e viva o velho!

BALTAZAR FERNANDES



Um Slim Summerville, ao natural

Filmes de propaganda

Embora exista ainda quem pretenda negar ao cinema os seus direitos de arte, já ninguém ousa contestar-lhe o alcance como instrumento difusor de ideias, tão importante ou mais que a imprensa e a rádiofonia. Os seus processos são directos, concretos, objectivos, insinuantes e amáveis. E' o unico membro dessa moderna trilogia que constitue um espectáculo, podendo portanto influenciar multidões já constituidas e não, como a imprensa ou como a rádio, elementos dispersos duma multidão. A memória retém muito mais fácilmente o argumento dum filme que um artigo de jornal ou um discurso. As imagens animadas permitem fazer demonstrações mais claras e mais completas que as palavras escritas ou oradas. Finalmente, um filme pode ser visto por um número de pessoas muito superior ao dos leitores dos jornais de maior tiragem e ao dos amadores de T. S. F.

Os raros mas pertinazes inimigos do cinema costumam utilizar em seu proveito estas verdades irrefutáveis, pedindo o extermínio de tão poderoso meio de subversão—como êles dizem. E' claro que o cinema tanto pode ser utilizado ao serviço da boa como da má causa—e ainda resta fazer essa difícil distinção. Mas outro tanto sucede a muitas outras coisas que ninguém perde o tempo e o jeito a condenar.

Não percamos o nosso a defender o que só sem razão póde atacar-se. Cuidemos antes de dizer como deve entender-se a propaganda pelo animatógrafo.

Quer se trate de propaganda politica, turistica, comercial, religiosa, ou de qualquér outra, é sempre ela que tem de sujeitar-se ás exigências do cinema, tão imperiosa que chega a causar espanto como uma arte póde ser, ao mesmo tempo, flexivel e inflexivel a-sim. Doutra maneira, o menos que acontece é a propaganda não resultar, por insuficiência ou ridiculo.

Em Portugal quási ninguem tem levado em conta êsse aspecto importantissimo do espectáculo cinematográfico. Os governos multiplicam-se e o único decreto que apareceu referindo-se á produção de filmes é impraticável. Há uma outra lei, chamada dos «100 metros», criada com o fim mirifico de desenvolver o turismo inter-provincias, que estabelece o contingente mesquinho de 100 metros de filme português, de tema ad libitum, *por cada programa apresentado ao público.*

Isso originou automáticamente uma guerra surda entre o distribuidor e o produtor—que não passa em geral dum operador á mingua de recursos. Os famosos documentários portugueses são pagos a metro, como se fossem fitas de nastro, e a preços irrisórios, muitas vezes inferiores ao custo da cópia. E mais: tendo a certeza de os impingir, mesmo mal pagos, ao distribuidor acossado pela lei, o operador-produtor não puxará nem pela imaginação nem pelo fotómetro.

Um filme de propaganda necessita de ser mais cuidado que outro qualquér. Para incitar o turismo, para fazer l'invitation au voyage, *precisa de mostrar paisagens favorecidas, coisas limpas ou apeteciveis. Para recomendar um artigo comercial, produto de beleza, aparelho de T. S. F., limpa-metais—tem que ser original e apresentada, pelo menos, com decência.*

Vimos ha tempos um filme em que se procurava fazer o reclamo á casa X..., que compra e vende propriedades. O que era natural que nos mostrassem? A mercadoria, isto é: as propriedades que a casa X tinha para vender! Pois não, senhores. O que nos mostraram foram os escritórios da casa X, com o sr. X no gabinete, o advogado do sr. X a falar com um cliente, todas as secções (cubiculos desoladoramente semelhantes!) da casa X, com empregados a escrever á máquina, a conferir a caixa e a falar ao telefone! Nem um predio, nem uma planta, nem um quintal!

Sob êste seu aspecto de publicidade, a propaganda pelo cinema é já coisa delicada e bicuda. Quanto mais tratando-se de propaganda politica.

Os modêlos do género vêm-nos todos do Oriente, da U. R. S. S., que teve a inteligência de consagrar toda a sua indústria cinematográfica á sua propaganda. Daí resultou, não monotonia, mas uma unidade que a tornou efectiva e a impôs. Propagando as suas doutrinas, os russos ensinaram nos a fazer cinema, e do melhor. Assim, sim. Filmes de prapaganda politica — digamos: de propaganda nacional, não se fazem com caravelas de cartão boiando em alguidares, com simbolos safados, com retratos de ministros «em sobreposição» sôbre poentes de bilhete postal. Fazem-se com «realidades cinematográficas»; com estilo e com inteligência. Doutra maneira, vira-se o feitiço contra o feiticeiro. E as coisas caiem pelo ridiculo antes de cairem por si.

António Lopes Ribeiro

Panorâmica

Economia

Não nos cançamos de agradecer penhoradissimos ás empresas de alguns cinemas de Lisboa que receberam os nossos pedidos de protecção aos leitores de Animatógrafo com uma simplicidade que nos impressionou o mais agradavelmente possivel.

Se os leitores, dispondo de tantos abatimentos, não quizerem mesmo assim ver cinema, é porque, rialmente, andam neurasténicos e já nada os interessa a não ser a nossa revista. Vamos enumerar os cinemas amigos que tão desinteressadamente oferecem duas entradas, com desconto, aos leitores de Animatógrafo, assinantes ou não. São eles: Central, Olimpia, Odeon, Palácio, Chiado Terrasse, Condes e, no Porto, o S. João Cine.

Na pagina 17 dêste numero de Animatógrafo, publicamos os talões que devem ser apresentados nos guichets dos respectivos cinemas no acto da aquisição dos bilhetes.

Aos amaveis empresários, da nossa parte e da parte dos nossos leitores, apresentamos os maiores agradecimentos.

Os «ganços»

No cinema também ha botas de elástico e ceroulas de fita. Distingam, tenham cautela, não queiram ser desse género que já deu o que tinha a dar. A arte do cinema também já criou a sua academiasinha e, alguns cineastas que tiveram a sua hora, como todas as pessoas e coisas que passam por este mundo variavel, principiam a acumular sobre os ombros a poeira triste do tempo. Devemos respeitá-los, é claro. Podemos mesmo por descargo de consciencia escrever os seus nomes no mármore. Mas depois, feito isso, deixemos os mármores em paz e adoremos os novos ídolos que cheiram a carne fresca.

Abel Gance que já devia ter morrido ha anos para não fazer asneiras desnecessárias e para nos deixar uma saudade imaculada, ainda vive, para mal dos nossos pecados, e ainda insiste.

Senhor Abel Gance, porque motivo não se resolve V. Ex.ª a falecer?

Foi por sua causa que se criou em todo o mundo cinéfilo a tremenda legião dos *ganços* que estragam os tímpanos com os seus discursos sobre *angulos, planos anatómicos, urdidura, plasticização, interêsse filmico, sintese, animica*, oh! basta! ... acabemos com essa estupada verbal enquanto os nossos filhos são pequeninos e não sabem falar.

Novidades

Uma notícia em primeira mão: «14 de Julho», o último filme de René Clair, vai ser apresentado em Portugal dentro de poucos dias.

Adquiriu o seu exclusivo para Portugal a Agência Cinematográfica H. da Costa. Nem podia deixar de ser assim. A Agência H. da Costa é a única firma portuguesa capaz de trazer a Portugal um filme de René Clair. O seu preço e a sua índole especial (dos filmes de Clair, ùnicamente «Sob os Telhados de Paris» conseguiu ser um éxito popular e portanto «comercial»...) põem-no fora do alcance dos que só pensam na bilheteira. A Agência abalançou-se a trazer até nós, pagando-os a peso de oiro, «O Milhão», «Viva a liberdade !», «Matou !», «A Tragédia da Mina», «Raparigas de Uniforme», «O concêrto rial de Sans-Souci», «Um homem sem nome», «Emílio e os detectives», «Os irmãos Karamazov», e tantos outros filmes excelentes, daquêles a que o público nem sempre faz justiça.

«14 de Julho» é mais uma cartada. Em nome do cinema, conjuramos os cinéfilos de verdade a receberem condignamente a última obra do mais representativo dos realizadores europeus, procurando compreendê-la e propagando o que nela há certamente de bom para a sétima arte.

Carta a Cottinelli Telmo

(Continuação da pag. 3)

A's vezes resulta extravagante para as pessoas que estão habituadas a outras fórmulas e há mesmo quem classifique o meu género de derrotista e azêdo. Falsa versão; tudo ao contrário. As frases triviais da boa educação jornalístico-mundana são rialmente um suave conforto, uma confortável cama de suma-à-uma onde se esconde uma legião de percevejos. Sejamos praticos, meu querido Telmo. Sabes o que eu te queria dizer com isto tudo? Apenas uma espécie de conselho: se queres dez raparigas alegres, com um fiozinho de voz, juventude, vestidos de bom gosto e maneiras civilizadas, só te resta contratar, exatamente, dez raparigas que não queiram fazer cinema.

Põe o Carlos Botelho, teu assistente, em campo.

Eu sei, (não digas nada à mulhér dêle) que o nosso pintor amigo conhece umas raparigas que *não* querem fazer cinema.

Pergunta-lhes. Talvez queiram.

Olavo

Jean Harlow
quere voltar a casar

«Voltará a casar?» Era esta na verdade uma pregunta cruel a fazer a Jean Harlow, viuva há seis meses apenas — tão cruel como a geada que queima as flôres, tão cruel como uma grande dôr. Mas, contudo, uma pregunta a que os seus milhões de admiradores desejariam saber a resposta — uma pregunta afinal que não desgotou Jean Harlow e a que ela poude responder.

«Sim; voltarei a casar».

E assim, em poucas palavras, Jeam logrou acalmar as más línguas que segredavam que as contrariedades que sofrera com os seus dois casamentos a tinham desiludido completamente do amôr.

«Verdade, verdade, eu só posso afirmar a esperança que tenho de me voltar a casar; não posso dar, no entanto, como compreende, a êsse respeito uma resposta concreta, afirmativa, acrescentou Jean.

Nenhum ser humano pode conhecer ou dispôr do seu futuro. Todavia eu sou uma mulher normal, na plena posse das minhas faculdades. Possúo por isso os naturais desejos e ambições femininas. Desejo um lar. Quero um marido. Gostaria ter filhos, dois pelo menos, uma menina e um rapaz.

Hoje estou completamente ocupada pela minha carreira cinematográfica. No cinema tenho bem mais que um interêsse únicamente meu, egoista; procuro enriquecer, é verdade, mas não para ser eu só a gosar a minha fortuna. Estou juntando dinheiro para àmanhã acautelar o futuro dos meus filhos, se os tever, como espero. E uma coisa pode acreditar: quando me casar e os filhos vierem, saberei colocar o meu lar em primeiro lugar que a minha carreira.

Não quero dizer com isto que abandone de vez a minha actividade no cinema. E ainda que o fizesse, eu saberia procurar outra ocupação. Penso que todas as mulheres, quer sejam solteiras ou casadas, devem conseguir uma situação que lhes permita auferir interêsses dela. No entanto nada terá a importância e o interêsse que para mim terão os meus filhos».

Que tipo de homem escolherá Jean para se casar? Será como o seu primeiro marido Charles F. Mc Grew II, o jóvem e riquíssimo corretor da Bôlsa de Chicago, de quem ela ainda hoje diz muito bem? Provavelmente não. Jean casou-se com êle muito nova, quando tinha apenas desasseis anos. Foi um casamento arranjado, combinado e consumado precipitadamente, afirma ela.

Ou será antes do tipo do produtor Paul Bern, com quem Jean se casou o verão passado e de quem ficou viuva poucos mêses depois? Talvez.

Jean diz que o seu próximo casamento será baseado em amizade e camaradagem, assim como em amôr. «Realme te não tenho ainda, como compreende, uma ideia segura do tipo de homem que escolherei para marido.

Fui casada duas vezes com homens tão diferentes entre si, como o dia da noite. Não idealisei ainda o meu Príncipe Encantador...

Realmente não tive ainda oportunidade de saber o que era romance. Casei-me aos desasseis anos. Imediatamente depois do meu divórcio, vime na necessidade de entrar para o cinema, pois que tinha de trabalhar para viver.

Desde então tenho estado demasiadamente ocupada para gosar aqui e alí o amôr. E também porque sou honesta, não me presto a semelhantes experiências; tenho a certeza que me não consideraria feliz se me dedicasse simultaneamente a vários homens. Mr. Berne e eu casámo-nos depois de uma camaradagem de três anos».

Estará para breve o novo casamento de Jean Harlow?

«Não creio que isso possa ser, respondeu ela. Uma das razões vem da minha pertinácia; tenho por hábito levar a bom termo qualquer coisa que empreenda. No meu quarto tenho numa caixa de cristal a única coisa que comecei e não concluí — um lenço que deixei em meio. Considero-o sempre bem à vista para nunca me esquecer que devo sempre procurar terminar o que tenha começado. Presentemente sou actriz de cinema, e aspiro, por isso a ser elevada à categoria de estrêla e conseqüentemente a ganhar o mais que me fôr possível. Nada conseguirá demover-me dessa ambição.

Ora se Jean não representasse nos *sets* não poderia encontrar gente de filmes... Daí podermos deduzir o facto de que, se ela se casar num futuro próximo, o seu marido será alguém que conheça ou encontre no meio do cinema. Foi ou não assim o que se passou em Bern?

«Sim. Paul e eu conhecemo-nos muitos anos antes de nos tornarmos bons amigos; o amôr veiu depois».

Lamentará Jean a falta de romance na sua vida?

«Sim, diz Jean; penso que o devo lamentar. No entanto, como nunca o conheci, não posso dar uma resposta segura. Como poderei eu dizer se gosto de pudim de chocolate se nunca o provei?...»

Dará aos seus filhos, se os tiver, maior oportunidade de conhecer o mundo?

«Evidentemente, respondeu sem hesitar. E há outra coisa ainda que eu diligenciarei proporcionar á vida dos meus filhos e que infelizmente a minha não têve. Em criança tinha tudo o que queria. Nunca fiz o mais pequeno trabalho. *Os meus filhos, quer sejam rapazes ou raparigas, terão um emprêgo assim que chegarem aos desassete ou desoito anos*.

Além disso, se quiserem seguir quaquer carreira, terei nisso imenso prazer. Mas o que eu não quero é que, concluídos os seus estudos secundários, fiquem depois de braços cruzados, em completa ociosidade, o que muito prejudicial me poderia vir a ser, quando fôssem homens. Quero que as suas vidas tenham intuitos defenidos e julgo que os indultos se perdem fácilmente na vida despreocupada, ao Deus dará.

Escolherá Jean para espôso um homem rico e audacioso?

«Quando de novo me apaixonar, essas *qualidades* não terão importância p'ra mim, declarou Jean Harlow...

JAMES FIDLER

(Conclui no próximo numero)



Jean Harlow tirou êste retrato de propósito para nos mostrar que ainda usa meias de rêde. Vamos fazer uma subscrição para lhe mandar outras que não estejam fóra da moda

RAMON NOVARRO

é um celibatário impenitente



O traço de Ramon Novarro é pedir cigarros aos amigos. Ramon Novarro anda sempre sem tabaco. Felizmente, para êle, não acontece o mesmo a Robert Montgmery, seu amigo intimo

Ramon Novarro, agora em vesperas de renunciar à sua carreira cinematográfica, mudou muito nêstes últimos tempos. No curto espaço dum ano tornou-se numa pessôa completamente diferente. Acredita sinceramente em que nunca se apaixonará, nem jámais se há-de casar.

Há um ano vivia com sua familia e desgostava-o muito pensar que teria que viver separado dela. Hoje habita uma casa sua, completamente só.

Há cêrca dum ano Ramon era um idealista, quási um visionário.

Hoje já não está novo. Está mais cançado. E' menos que um idealista e mais que um homem de negócios, muito prático, um tanto mais sobrecarregado de cuidados, aborrecido com o seu trabalho, cançado pelas responsabilidades.

Nessa época acreditou-se que, como então constava, Ramon entraria para um convento. Agora Ramon diz que nunca lhe passou pela cabeça seguir a vida monástica. Aliás essa história deve em grande parte ser atribuida a exagerada publicidade.

«Isso não significa, no entánto, que tenha abandonado a minha religião, afirmou Ramon. Ela é para mim mais do que tudo no mundo. Sinto que todos precisamos agora mais do que nunca do auxílio de Deus».

As outras histórias escritas há um ano, dizendo respeito a Ramon, referiam-se à sua adoração e aos seus sacrifícios pela família— seus pais e seus onze irmãos e irmãs. E, ocasionalmente, apareceu também um artigo em que era descrita a Mulher Ideal que Ramon dizia esperar um dia encontrar e fazer dela sua espôsa.

A amizade de Ramon por sua família é hoje, ainda, tão fervorosa e tão cheia de carinho como dantes.

Contudo preferiu isolar-se de forma a poder viver a sua vida de acôrdo com as suas aspirações. Percebeu que não podia viver sob a tutela de outras vidas, para poder exercer a sua actividade como melhor lhe aprouvesse. Foi essa a única razão porque Ramon, passou a viver só, numa casa situada em plenas montanhas de Hollywood, mobilada num estilo moderno, acompanhado apenas por um casal de servos fieis.

Essa separação não significa, contudo, a mais leve quebra de amizade entre Ramon e sua família. Segundo êle próprio confessou, sua mãi pertence ao tipo raro das pessôas que não fazem preguntas embaraçosas aos seus filhos.



Como não temos nenhuma fotografia de Ramon Novarro nu a tocar piano, publicamos esta do «divo» a fazer ginástica

Quando Ramon passou a viver na sua própria casa, só então compreendeu que de há muito necessitava a solidão para pensar e viver.

E' exactamente por causa de sua família, pela sua grande amizade, pelos cuidados que tem com os seus, que Ramon nunca se casará.

«Tem sido dito», confia Ramon, na sua voz cançada e triste, «que logo que eu encontrasse uma rapariga que fôsse o meu ideal, imediatamente me casaria. Mas não haverá nunca uma rapariga ideal para mim. *Jámais me casarei.*

Nunca estive enamorado; nunca me apaixonarei por ninguém.

Há uma época na vida em que as preocupações se desvanecem, em que o «dia de ámanhã» nos não preccupa absolutamente nada. Esse tempo, para mim, já se foi. Estou já em idade de não prestar atenção ao Deus do Amôr se êle porventura ousasse ferir-me com as suas setas. Nunca de mim se aproximou. E agora, se algum dia isso sucedesse, eu saberia bem fugir dêle, ainda que, para me livrar das suas arremetidas, tivesse de correr meio mundo...

A minha única preocupação são os meus, as minhas onze pessôas de família, a que tenho o agradabilíssimo encargo de manter, meus pais, os meus cinco irmãos e as minhas quatro irmãs.

Para mim, financeiramente falando, o casamento seria de todo impossível. Os meus dois irmãos mais novos estão agora completando a sua educação; um concluiu os seus estudos secundários, o outro deve acabar em Junho próximo. São por assim dizer os *meus filhos* e o meu orgulho está nêles.

Nunca pensei em bôa verdade em me casar. Se Deus tivesse destinado dar-me uma espôsa e filhos, certamente não me teria da o êstes filhos já criados... Nunca me teria colocado numa situação de tanta responsabilidade.

Na verdade não é sómente por razões económicas que o casamento me é impossível. E' mais ainda, pela responsabilidade moral que tenho de tantas vidas dependentes de mim. Uma pessôa só pode dispôr de si à vontade.

Eu, pelo contrário, *devo* estar à disposição dos meus. Não se julgue, contudo, que o faço com sacrifício; pelo contrário, tenho nisso, uma grande satisfação. Mas assim, não sobeja nada para dar aos outros...

E' esta a razão por que nunca me apaixonei. Bem sei que têm sido feitos muitos comentários a êste respeito. Parece impossível a muita gente que um rapaz novo, colocado tão vantajosamente entre tantas e tão jóvens e formosas mulheres, consiga não se apaixonar, uma ou mais vezes que fôsse.

Pode parecer estranho que um rapaz nunca estivesse prestes a casar-se, e não se case mesmo. E' que eu não tenho tempo nem energia. Sim, porque o amôr exige energia e poder de concentração. Sei a tal respeito o suficiente para compreender isso. Simplesmente, nunca consegui arranjar tempo nem poder de concentração.

Tenho encontrado mulheres a quem me parecia poder prestar atenção. Mas antes que eu tivesse tempo de tomar qualquer resolução, aparecia sempre uma coisa qualquer que ocupava o tempo e a energia indispensáveis para tal. E assim a oportunidade morria logo à nascença. Sinto-me muito fatigado. Já estou farto e quási falho de coragem. Não no que diz respeito à minha carreira cinematográfica, mas sim quanto aos filmes que nêstes dois últimos anos me têm feito interpretar. Não me posso vêr em películas de *foot-ball* e outras do mesmo género, em que ultimamente tenho aparecido. Gostei mais de trabalhar em ***Son-Daughter***, ao lado de Helen Hayes, e sob a direcção de Clarence Brown, do que em todas as minhas últimas fitas juntas. Só tenho que fazer um único filme até à primavera—*Homem do Nilo*. Depois de concluído partirei imediatamente para a Europa, começando então a minha *tournée* de canto. E' a realização dum antigo e grande sonho. Estou agora naquela situação em que a realização de sonhos á uma necessidade imperativa.

Parece-me que «marquei passo» durante tempo demais. Preciso mudar de ambiente, e de beber em novas fontes.

Trabalho todo o tempo que tenho livre no programa dos meus concertos. Suponho que a minha *tournée* não deva durar menos de três anos. A minha voz talvez me não garanta contratos para todo êsse tempo, mas é possível que a curiosidade por uma estrêla de cinema baste para atraír o público. Não lhes parece?

Nunca senti a urgência de quebrar o meu isolamento de celibatário. Tenho ouvido muita gente dissertar a tal respeito, mas os seus argumentos sempre me pareceram um tanto ou quanto históricos. Entendo que vivendo só, na minha casa, posso fazer coisas que seria impossível fazer se vivesse acompanhado. Por exemplo: sou muitas vezes tomado pelo desejo instante de tocar piano quando saio da casa de banho e me dirijo ao meu quarto—tão nú como quando Deus me fez. Se não vivesse só não poderia satisfazer êsse desejo.

Vivendo sòsinho tenho todas as vantagens. Para «filhos» basta-me a família; e por espôsa, tenho a música, que tanto adoro».

NORMA SHEARER E IRVING THALBERG vão deixar a Metro?

Norma Shearer vai abandonar por algum tempo os estúdios. De facto Norma acaba de deixar Hoclywood, acompanhada de seu marido Irving Thalberg, principal dirigente da Metro, que vem á Europa convalescer duma grave doença, devendo passar em Badnuheim estância de repouso alemã, cerca de quatro meses.

A propósito de Thalberg tem corrido últimamente com insistência o boato de que deixaria a Metrc para formar companhia própria. A ter esse boato confirmação, seria na verdade, uma perda irreparável para aquela empresa a saida de I rving Thalberg.

Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DAS ESTRELAS

INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTUDIOS

Flashes

■ A «Paramount» e a «Rádio» pensam realisar cada uma seu filme focando a vida de Gaby Deslys, a célebre bailarina que no cinema foi a intérprete de *Bouclette* e *Deus do Acaso*.

■ Conrad Veidt, que acaba de deixar definitivamente a Alemanha por não concordar com a política actual do seu país, vai ser o intérprete dó filme inglês *I Was a Spy*, do «Gaumount British».

■ Na China os artistas mais populares são Janet Gaynor, Greta Garbo e Jeanette Mac Donald.

■ Jean Harlow e Clark Gable recusaram-se a apareceer em *Nóra*, obrigando a modificar completamente o primitivo argumento.

■ *Fatty* Arbuckle, que fez com a comédia em duas partes *Hey Pop* a sua reentrada no cinema, concluiu agora *Buzzin Around*, que se apresenta muito melhor que aquela.

■ Segundo informações da Policia, o palacete de Harold Lloyd foi utilisado abusivamente durante a ausência dêste e da familia na Europa, por alguns amigos, que nêle deram várias festas!

■ O ciclismo está tendo entusiásticos adeptos nas estrêlas de Hollywood, sendo agora corrente verem-se as vedetas usar êsse meio de transporte.

■ Marlene Dietrich encontra-se melhor do grave acidente que sofreu durante a realisação duma cena de *Song of Songs*, caindo dum cavalo.

■ Vários cinemas parisienses decidiram boycotar filmes alemãis em virtude da proibição na Alemanha de *Croix de Bois*, o filme de guerra de Raymond Bernard.

■ Dita Parlo, a simpática intérprete de *Rapsódia Hungara*, de *Melodia do Caração*, etc., acaba de chegar a Berlim depois duma ausência de alguns anos no estrangeiro, sobretudo na América.

■ *As viagens de Gulliver* o célebre romance inglês, vai ser levado ao cinema pela «Universal», tendo Karl Freund, o fotógrafo de *Variedades* e de *Metropolis* por realisador.

■ Viola Dana, que foi ha uns dez anos artista muito popular vai fazer a sua estreia no fonocinema no filme da Columbia *The Strange Case of Poisoned Joy*.

O novo filme de Joan

Joan Crawford, que segundo notícias de origem segura, sempre se separou de seu marido Douglas Fairbanks Jor., separação que não é mais que um prelúdio de divórcio, vai agora ser a intérprete do seu primeiro filme do novo contrato que com a «Metro», como noticiámos, há pouco assinou. Intitula-se *The Prize-fighter and the Lady* (O boxeur e a dama) e nêle terá Joan de novo como *partenaire* Clark Gable. O último filme de Crawford intitula-se *To day we live*, nêle aparecendo também Gary Cooper.

RAMON NOVARRO vai cantar em Paris



Ramon Novarro, concluido o seu último filme *The Man of the Nile*, partiu há algumas semanas de Hollywood, tendo chegado há poucos dias a Paris, onde iniciará a sua tão falada *tournée* de canto pela Europa.

Em honra de Ramon Novarro foi organisada pela direcção francesa da «Metro» uma recepção, da qual participaram as personalidades mais em evidência do cinema francês e a imprensa.

Um jornalista escreveu a propósito do homenageado:

«Ramon Novarro em carne e ôsso possui uma finura e uma distinção que só muito imperfeitamente resaltam na têla. Extremamente simpático, fino sem ser mole, virilmente belo, nada cabotino, tal é o Ramon Novarro que tivemos o prazer de encontrar quando da recepção organiazda em sua honra nos salões do «Viel». Apesar dos 35 anos que os seus biógrafos lhe atribuem, Ramon aparenta uma maior mocidade, e uma timidez bem em relação com a sua idade aparente. A glória não lhe subiu à cabeca e é com cativante amabilidade que se presta ao suplício dos autógrafos e ao interrogatório imprescindivel, e por vezes desconcertante, que lhe fazem os jornalistas e as suas admiradoras.

Enquanto bebia um *ccoktail*, Novarro confiou-nos os seus projectos imediatos. Dentro de uma semana partirá para Biarritz, onde cantará dois dias. Na volta, contratado já pelo «Alhambra», dará um recital de velhas canções do folklore mexicano, contando fixar-se durante três meses em Paris.

Jeanette Mac Donald vai trabalhar nos stúdios ingleses



Jeanette Mac Donald, a simpática intérprete de tantas cine-operetas americanas, encontra-se desde há algumas semanas na Europa, tendo últimamente aparecido em carne e ôsso, com grande éxito, no palco do novo cinema Rex.

Ora Jeanette, que acaba de ser contratada pela emprêsa produtora inglesa British and Dominions, deve chegar a Londres deutro de poucos dias para actuar no filme Sorrel and Son*—de que foi feita já uma primeira versão que entre nós passou sob o título de «Capitão Sorrel» com H. B. Warner e Anna Q. Nilsson—no qual terá como leading-man Herbert Marshall.*

A estrêla perfeita

Não há em Hollywood, entre as estrelas de cinema, uma única que se possa considerar plasticamente perfeita. «Conquanto algumas delas se aproximem dessa perfeição, nenhuma porém a logrou atingir», afirmou corajosamente Clelland Barkley um artista famoso de Los Angeles. E daí Barkley lembrou-se de criar êle próprio um tipo de beleza ideal inspirando-se em algumas vedetas da tela.

Em modêlo perfeito deveria ter:

O busto de Miriam Hopkins;
As ancas de Carol Lombard;
As coxas de Marlene Dietricg;
Os joelhos de Winne Gibson;
As mãos de Sylvia Sidney;
Os dentes de Mae West;
Os lábios de Helen Twelvetrees e

a elegância do andar de Kay Francis ou de Elisa Laudi.

O Cinema VAI CONTAR-NOS A SUA HISTORIA

J. Stuart Blackton, que é, sem dúvida, um dos pioneiros da produção cinematográfica americana—há mais de vinte anos já, Blackton organisava com Albert Smith a Vitagraph, das primeiras grandes companhias produtoras — anunciou agora ter a intenção de realisar uma película que encerraria em suas imagens a História do Cinema,

Nêsse filme seremos levados ao antigo Egito onde assistiremos às verdadeiras origens das imagens animadas; veremos depois o famoso Kinetoscope de Edison de 1886, até aos últimos aperfeiçoamentos do sonoro. Nêsse filme invulgar serão incluidas cenas de velhas películas de Stuart Blackton, com Maurice Costello, Florence Turner, o gordo e malogrado John Bunny, Clara Kibamll Young, as irmãs Talmadge, etc.

A História do Cinema contada em imagens, deve vir a ser, na verdade, um espectáculo de incalculavel valôre curiosidade.

PABST FOI CONDECORADO

G. W. Pabst, o grande encenador germânico, acaba de ser agraciado pelo Govêrno francês com a Legião de Honra, distinção que lhe é feita em virtude dos nítidos intuitos de fraternidade humana que denotam alguns dos seus filmes como *Quatro de Infantaria* e *Tragédia da Mina*.

Don Quixote, o seu último filme estreado há poucc no Miracles alcançou um exito extraordinário.

Nova expedição Martin Johnson

Os esposos Martin-Johnson, os conhecidos exploradores, realizadores de vários documentários em que as suas audaciosas viagens através do Continente Negro têm sido registadas pela *câmara*—o último dêles foi *Congorilla*—organizaram agora uma nova expedição cinematográfica que, partindo de Cape Town, deve percorrer a AfricaCentral.

Nessa expedição, que demorará cêrca de dois anos, toma parte também um filho de António Moreno, o conhecido actor hoje quási retirado do cinema.

Monólogo às escuras

O António Ribeiro tem a deliciosa semcerimónia das pessôas felizes. E vai daí, supõe, com uma ingenuïdade que me desvanece, que eu tenho um «stock» especial de ideias sôbre cinema português. Depois, como o seu *Animatógrafo* é um vasto Salão—(e mesmo nas melhores salas às vezes convém dar bilhetes de convite) decidiu chamar-me à baila. Felizmente que a casa é toda de assinatura e a freqüência está assegurada. Eu não passarei assim duma «promenoir» sem responsabilidades.

Este preâmbulo tranquilisará os leitores do simpático jornal cinematográfico—e tranquìlisa-me também a mim.

* *

Estou convencido que as únicas verdades que podem dizer-se àcêrca do problema do cinema português são aquelas que se poderão também dizer àcêrca de qualquer outro problema nacional. Não sei que político da monarquia disse uma vez:

Em Portugal só há um problema: dinheiro.

Com efeito, a frase que mais se pronuncia no nosso país é esta: «Por falta de verba... etc.»

E nesta ordem de ideias todos os planos e todos os raciocínios esbarram no problema nacional comum: pelintrice. A habilidade, o génio, está em receber as coisas dentro dessa pelintrice atávica e ingénita. Já um dia escrevi que havia duas maneiras de vencer na vida—tal como há duas maneiras de jogar o peão: «de escacha» e «à cajadinha». Em Portugal é à «cajadinha» que se vence. Quer seja em cinema quer seja em agricultura, o que é preciso é preparar o meio para que essa resolução seja possível.

* *

Para isso, assim como nas ruas se ensinam os peões a andar e os «chauffeurs» a conduzir os carros—também em cinema é preciso não só aprender a FAZER filmes portugueses, mas a ensinar a VER filmes portugueses. O público, que anda por todas as capitais da Europa e não vê gente de pé descalço; que não vê crianças a vender jornais; que vê «dancings», teatros sumptuosos, «boulevards» estonteantes, praças monumentais, metropolitanos, letreiros luminosos, «féeries» cosmopolitas—e depois compara isso tudo com a tristeza conventual da nossa Lisboa provinciana, devia levar para o cinema, no dia em que fôsse vêr um filme português, uma atitude conscientemente portuguesa que nunca esquecesse essa diferença. Deviam-lhe nêsses dias forrar as paredes com mapas dos nossos 70 °|₀ de analfabetos, da nossa miséria ferroviária, dos nossos terrenos incultos e da nossa pequenês inverosímil como mercado cinematográfico. Depois, uma simples «regra de três» justificar-lhe-ia o preço do bilhete, nêsse dia de luxo em que lhe deram espectáculo na sua língua.

A' entrada deviam dizer-lhe, berrar-lhe, meter-lhe pelos olhos e pelos ouvidos dentro, as verdades que êle esquece propositadamente: Vês êstes actores? Nunca representaram cinema, e os que tu viste a semana passada, num filme francês tem um activo de 40 produções. Vês êste realizador? E' um pobre rapaz que pediu uma licença no emprêgo para vir trabalhar num filme. Vês esta «vedetta»? Não sabe música, não sabe dança, nunca tinha visto um microfone! O homem dos versos? Nunca escreveu para cinema. O homem do argumento? Nunca planeou um filme. O operador? Nunca trabalhou num estúdio. O chefe de orquestra? Nunca fez uma partitura cinematográfica. O «maquilleur»? Não tem experiência. O decoradar? Idem. O costureiro? Idem. O aderecista? Idem. O «regisseur»? Idem, idem, idem...

E tu mesmo, espectador exigente, que resumes o teu amor ao cinema em pagar, pagar sempre, bilhetes de espectáculo, ou revistas da especialidade, ou fotografias de artistas, não estás também habituado a vêr cinema português. Nos filmes estrangeiros, como não percebes a língua, achas que todos os artistas vão bem e têm linda voz. Nos filmes em português, não perdes pitada e centuplicas as exigências. Como conheces o realizador de ir contigo no mesmo eléctrico, achas que um rapaz que mora no teu bairro, e que é um pobre mortal que gasta do mesmo padeiro que tu—não pode ter talento. Como conheces a «vedeta» ao natural e sabes que é bexigosa e tem as suas fraquezas—não lhe reconheces prestígio, e finalmente, como tudo é português e tu achas que ser patriota é uma coisa deselegante e «Pátria» é um trecho do livro de leitura, dos mais «chatos»—tu, cinéfilo têso, que precisas do cheirinho estrangeiro para achar bem e estás despeitado porque no fundo o que querias era entrar no filme, traças a perna com um ar superior, chupas a beata de «francês» e concluis que «aquilo» é uma fantochada» e o realizador «é uma bêsta». Mas, ámanhã, se o *Diário de Notícias* te disser, em artigo de fundo, que há um estrangeiro que beliscou a tua terra, ou que a Itália fala nas colónias—todo o sangue se remexe nas tuas veias, e o teu amôr próprio sente-se capaz de heroísmos. Para ti, patriotismo é Aljubarrota e «Lusíadas». O teu sentido de nacionalismo é oleográfico e fanfarrão. Envergonhas-te de chorar ou de rir com os teus motivos, com o teu pitoresco, com a tua música, com os teus artistas—mas—aqui d'el-rei! se alguém se lembra de te dizer algumas verdades—porque então a tua vaidade patriótica não tem limites.

Destrois, na rialidade, tudo à tua volta. Exiges o ótimo, como se êle viesse de repente, antes do razoável, do suficiente e do bom. E depois, muito admirado, olhas em redor e concluis: não temos nada.

Lamentas-te. Sentenceias que «estamos muito atrazados». Consideras com pena que não nasceste em Paris. Verificas com tristeza a diferença que existe entre Santo Amaro de Oeiras e Palm Beach—e ao contemplares a tua plástica, de manhã, ao espelho, consola-te molemente a ideia de que a única coisa que em matéria de cinema podes fazer inofensivamente é cortar o bigode fininho e deixar as patilhas à Rudolfo.

Longe de ti uma ideia vitoriosa, ótimista, forte, cheia de fé, construtora e entusiástica! Longe de ti o respeito pelos que, através de tudo, dotarão a tua terra e o teu amôr ao cinema, com um espectáculo próprio para ti, que ámanhã te dará horas de prazer, de vibração e de consciência artística.

Longe de ti sequér a espectativa benévola, serena, confiante, simpatisante.

Não. Tu adoras o cinema. Mas «santos de casa não fazem milagres», e na tua mentalidade exaltada e excitada, diante da obra estrangeira, da publicidade estrangeira, da sensibilidade estrangeira, tu só tens um comentário que resume toda a inferioridade da tua atitude: «É bestial!»

LEITÃO DE BARROS

ONTEM...



DESDE os rèclames ao Chocolate Matias Lopes que a comparação do «Antes e Depois» adquiriu fóros de clássica, sendo sempre flagrante, edificante e significativa. Nada permite ajuizar com maior segurança do progresso que o contraste brutal entre dois aspectos duma mesma coisa, tomados com um intervalo de tempo considerável. Entre a semente e a árvore — que mundo de coisas fabulosas!

A evolução da técnica cinematográfica resalta com evidência da comparação de qualquér imagem de qualquér filme primitivo com uma das excelentes fotografias que servem à publicidade dos modernos. Desapareceu a dureza dos contrastes, a luz suavizou-se, «cortou as unhas», «limou as arestas»... As caras já não têm o ar «caracterizado», que lhes dava um ar de «noite perdida» do pior efeito. Nem olheiras, nem manchas equívocas na pele. Nota-se uma unidade de tom, um ambiente geral, criado por feitiço fotográfico.

E não é só nas caras. As atitudes mudaram, aperfeiçoaram-se. São mais equilibradas, mais tranqüilas; sente-se maior segurança e à-vontade em frente da objectiva, produto dum convívio prolongado.

Infelizmente, uma fotografia não consegue dar-nos o progresso gigantesco obtido pelos sons. Mas basta-nos para avaliar o que o cinema conseguiu fazer em menos de quarenta anos.

Não curamos hoje de oferecer ao leitor exemplos eloqüentes dessa evolução. Pelo contrário, pretendemos mostrar o que o cinema de hoje consegue fazer no sentido de unficar as coisas mais contrastantes, no tempo ou no espaço, sujeitando-os a uma lei geral, que é a sua, e que imprime a todos os temas que interpreta «personalidade cinematográfica».

Comparem estas duas lindas fotografias. Á esquerda vemos Lilian Harvey tal como apareceu na «Imperatriz e eu», com o seu magnífico vestido de folhos, tudo quanto há de mais Segundo Império. Á direita, Rose Barsony, a linda judia que a substituiu na contelação da Ufa, com um vestido ultra-moderno, tudo quanto há de mais Século XX. Não concordam que existe uma unidade, um tom geral que harmoniza essas duas imagens tão diversas, dando à nossa página central um equilíbrio evidente?

¿Êsse prodígio deve-se ao cinema, arte niveladora, egualitária, que dita leis de beleza ao mundo inteiro.

Vejam como a objectiva conseguiu sem esfôrço aparente focar duas figuras anacrónicas e transportá-las ao plano contemporâneo.

E' que o bom-gôsto é universal em relação ao tempo e ao espaço. As coisas realmente belas, são-no tanto ontem como hoje. Daí parte a noção de imortalidade.

Não pretendemos afirmar com isto que o cinema produza sistemàticamente obras imortais. Pelo contrário, nenhum espectáculo está mais do que êle afeito aos ventos da moda.

Tem dois aspectos antagónicos: o definitivo, que lhe vem da imutabilidade de cada filme uma vez montado, e o efémero, que lhe vem do facto de adquirir um significado momentâneo, quando projectado, em sombras impalpáveis.

Dêste condicionamento tira o cinema as suas maiores qualidades de espectáculo — sempre vivo, sempre *à la page*, sempre certo com a sua época. Não aspira a outra consagração que não seja a da memória.

Pode mesmo dizer-se que a exibição dum filme sem precauções que limite rigorosamente o público que o for vêr, constitui crime de alta-traição cinematográfica. Quantos filmes velhos considerados obras-primas no seu tempo, resistem hoje a nova projecção?... Tão poucos, que nos desolaria a escassês da número, caso não considerássemos a efemeridade de cada filme o mais flagrante dos sinais de *vida*— que é sempre breve e nem sempre agradável.

A sujeição do cinema às exigências da moda não deve ser tomada como sintoma de fraqueza. Só os espíritos eivados de carunchoso classicismo poderão atacá-lo por semelhante transigência. O que se pede ao cinema, como ao teatro e à literatura, são as imágens vivas do momento, vistas através de sensibilidades que afinem com a nossa.

A missão do realizador é semelhante à do rádio-escuta.

O que êle deve procurar é a *sintonização;* o ponto justo, exacto, único em que o circuito dos seus nervos afine com o dos nervos do espectador.

Cria-se assim uma instrução, uma influência que emana do ecran e contagia a plateia. Os filmes falhados são aquêles que não conseguem livrar-se de *interferências*.

Não nos cansamos de proclamar alto e bom som que a «basezinha» do cinema é a técnica. Nêsse capítulo somos autênticos convertidos do novo dogma político que a América, cansada de copiar a Europa em transes governamentais, criou em bôa hora: a tecnocracia. Não devem pois chocar na nossa bôca tais comparações.

Tudo o que de cinema conversamos —porque isto é conversar—gira em redór dessa nossa convicção. Não é possível demover-nos dela. Tudo o que tem favorecido a arte do cinema se deve à técnica. Foi nos laboratórios e nas oficinas que nasceram todos os atavios de que se adorna a beleza dos filmes hodiernos.

Os filmes de ontem são diferentes dos filmes de hoje. Mas o cinema é só um.

B. F.



E HOJE



VISITAR

UMA GRANDE CAPITAL!...

VER FUNCIONAR

UM GRANDE ESTUDIO!...

Um sonho que poderá transformar-se numa realidade

VOCÊS, leitores, simpáticos mas sem chêta, já pensaram no que será tomar de repente um combóio muito rápido e partir para os estúdios da U. F. A. em Neubabelsberg, sem ter tempo de dizer adeus a ninguém? Já pensaram no que será uma demorada visita às fábricas complicadas e misteriosas do cinema alemão? Já tentaram por acaso fazer uma ideia do prazercinéfilo que representa a probabilidade de apertar a mão fina e bem tratada duma autêntica vedeta?

Pois tentem fazer uma ideia do que seja isso tudo (e à borla!), e tratem de assinar *Animatógrafo,* condição insofismável para tomarem parte no nosso concurso que vos habilitará ao impressionante prémio. Além disso, *Animatógrafo,* a revista mais generosa do seu género, oferece-lhes ainda um sem número de prémios de grande e suficiente consolação, capazes de consolar mesmo um condenado à morte.

Portanto, os nossos amigos já estão a vêr. Não perdem nada em assinar *Animatógrafo.* Temos recebido inúmeras cartas com novas assinaturas. Uma delas, firmada por «Uma ex-leitora da *Imagem*», diz-nos mesmo, com muito espírito, que as nossas amabilidades *devem levar água no bico.* Estejam descansados. Não levam.

Portanto, como já lhes demos a entender, o primeiro prémio oferecido pela Agência Cinematográfica H. na Costa, é...

UMA VIAGEM A BERLIM, COM DIREITO A UMA ESTADIA DE 6 DIAS NUM HOTEL DE PRIMEIRA ORDEM, VISITA AOS PRINCIPAIS CINEMAS E MONUMENTOS DA GRANDE CAPITAL, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, A HOLLYWOOD EUROPEIA.

QUEREM IR DE GRAÇA A BERLIM?... ASSINEM.

Animatógrafo

Êste prémio, o mais valioso de todos os que em Portugal se têm oferecido em concursos similares, tenta decerto o mais ambicioso.

E os que se lhe seguem, em número superior a DUZENTOS, não são simples prémios de consolação.

O segundo prémio é UM RECEPTOR RADIOFÓNICO «STEWART WARNER», circuito super-heterodino modêlo 1933 oferecido pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

O terceiro prémio é UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecida pela casa Amador Fotográfico, de Rõiz Ltd., Rua Nova do Almada, 84.

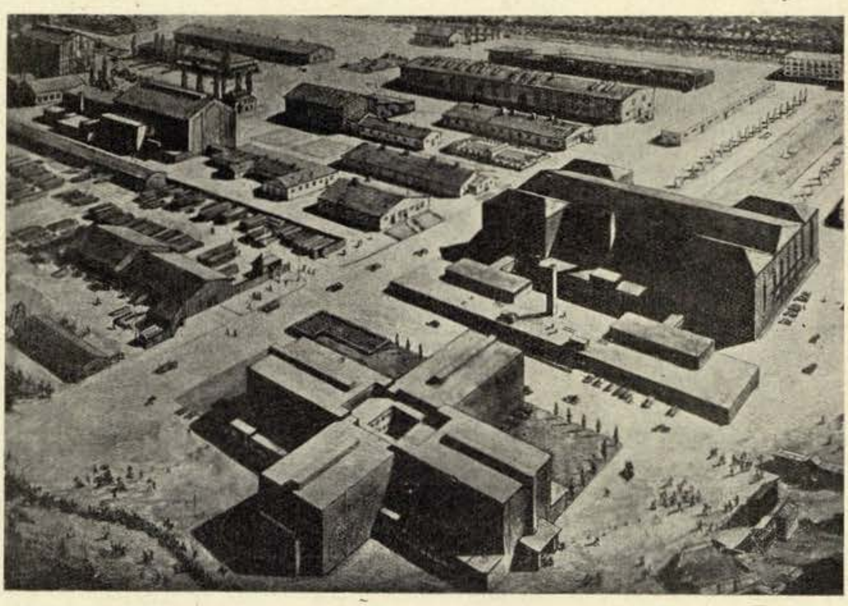
Os restantes prémios são constituídos por máquinas fotográficas, gramofones, discos, perfumes e produtos da Fábrica Nally, retratos autografados pelas grandes vedetas de cinema, entradas para os cinemas de Lisboa, do Pôrto e da Província, etc., etc., etc.

Para concorrer, basta assinar «Animatógrafo»

Cada assinante receberá pelo correio um cartão *pessoal e intransmissível* com o número de ordem que lhe corresponde. Êsse cartão, além de outras vantagens que serão oportunamente anunciadas — descontos em cinemas, entradas em espectáculos promovidos pelo ANIMATÓGRAFO, bónus em importantes estabelecimentos etc. — habilita automàticamente ao sorteio dos referidos prémios, que se efectuará no dia 13 de Junho (Dia de Santo António) numa sessão especial que se realisa no Central, o elegante cinema dos Restauradores.

Até à véspera do sorteio, portanto até 12 de Junho dêste ano, todos podem habilitar-se. Basta assinar a nossa revista, por três meses, seis meses ou um ano.

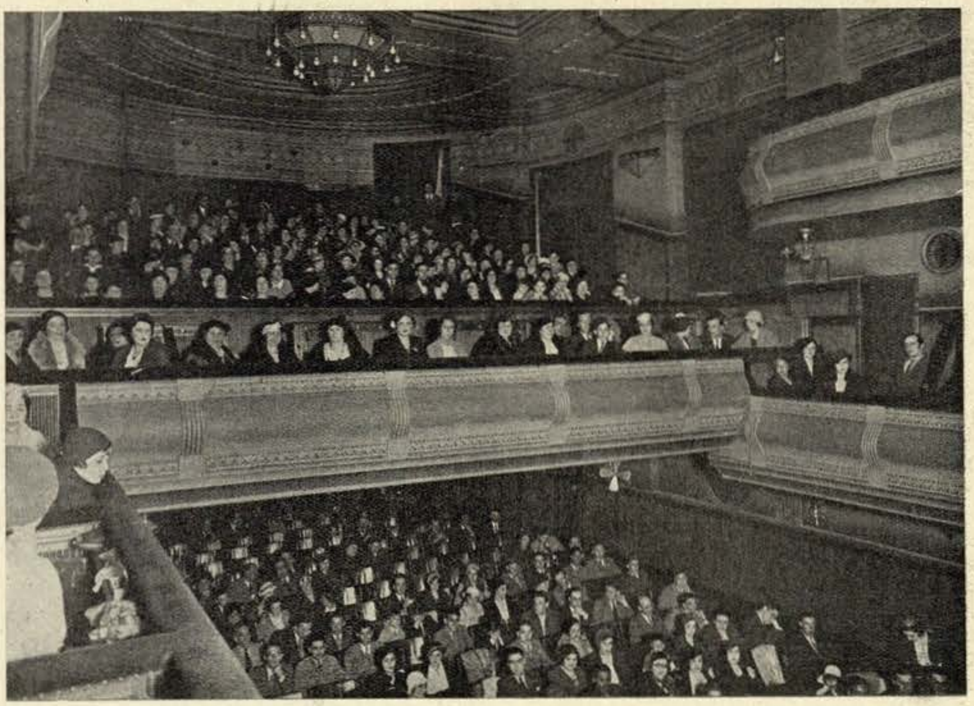
Além dos prémios, descontos, etc. a assinatura reduz em 20 por cento o custo de cada número.



«Maquette reconstituindo exactamente os estúdios da Ufa em Neubabelsberg. Em cima, um braço do famoso estúdio em cruz — que ainda não é gamada...

A primeira apresentação corporativa

da Agência H. da Costa realizou-se no Central e deco-reu com grande brilho



Um aspecto da assistência que foi possivel meter no campo da objectiva de Ferreira da Cunha

Os cinéfilos portuguêses podem-se considerar felizes. Pouco a pouco e sem trabalho vão conquistando todas as regalias que os seus colegas estrangeiros gosam já desde que o cinema adquiriu o aspecto, importante que tem hoje. Já teem estúdio, já teem possibilidades de ser estrelas e agora graças á boa vontade da Agencia Cinematográfica H. da Costa teem um cinemazinho onde podem assistir, de borla, ás preexibições privadas dos filmes (que luxo!) da Agencia.

Era só o que lhes faltava. Não teem nada que agradecer. A Agencia H. da Costa até pede desculpa de não ter principiado as suas exibições privadas ha mais tempo. Era um simples dever que se impunha a uma casa distribuidora «à la page.»

A Agência H. da Costa L.ª convidou várias pessoas conhecidas para assistirem hoje, 20 de Abril, à avant-prémière de «Anny no Regimento» o último filme de Carl Lamac.

A sessão teve lugar no Central, evidentemente, com uma lotação não exgotada como convem a uma exibição de carácter privado.

A atmosféra duma sala de espectáculos onde só há espectadores borlistas é efectivamente inconfudível e insubstuível. As pessoas estão bem dispostas, olham umas para as outras com um ar entendido e não deixam esmorecer o sorriso feliz com que entraram.

Depois quando as lúzes se apagam, o espectáculo agrada-lhes infalivelmente porque os seus bilhetes foram adquiridos sem esforço e sem dinheiro.

São todos muito amáveis, muito bem educados e dizem *muito obrigado* a qualquer pretexto.

Que me conste a avant-prémière de hoje não tinha nenhuma espécie de pretensões mundanas mas apesar disso, lá estava o Vasconcelos e Sá com o seu ar miope e conservador. Não sei se tomou nota dos nomes da assistência mas, se o fez é de prever que se tenha esquecido de alguns. O Ferreira da Cunha tirou uma fotografia da sala e respectivos espectadores. A objectiva estava exactamente apontada para o camarote de madame H. da Costa que se preparava *aromática e normal* como diria Cesário Verde, para mostrar o seu filme aos seusc onvidados.

As cinéfilas que estavam instalados na extrema esquerda dos balcões e na plateia não pareciam contentes por não figurarem na fotografia. E tinham razão porque algumas delas eram bonitas e no momento que atravessamos de intensa pesquisa de intérpretes para os filmes da Tobis Portuguêsa não lhes convinha perder uma tão inesperada ocasião de darem a fotogenia ao manifesto. Resignem-se, raparigas, e se quiserem fazer cinema, sejam corajosas e não estejam á espera duma problemática e acidental fotografia para se mostrarem. Procurem simplesmente o Cottinelli Telmo e perguntem-lhe se servem. O Telmo não tem papas na lingua. Diz logo a verdade.

A maior percentagem dos assistentes era constituída pelos assinantes de «Animatógrafo» que, pelo simples facto de assinarem a nossa revista, passam agora por especialissima deferencia da Agencia Cinematográfica H. da Costa a ter o direito de assistir, na medida das possibilidades de lotação do Central cinema, a todas as pre-exibições dos filmes da Agencia. Esta concessão não tem precedentes desde que se inventou a publicidade. E' um pau por um olho. A troco duma simples assinatura de três meses que custa apenas desasseis escudos, fica-se com o direito não só de receber «Animatógrafo» ao preço de doze tostões cada número, como ainda de assistir a todas as pre-exibições da Agência H. da Costa que se realizem, durante êsse espaço de tempo. E' o contrário do provérbio «ir buscar lã e ficar tosquiado». Neste caso vai-se ao Animatógrafo tosquiado e volta-se cheio de lã.

O filme de Carl Lamac é uma simpatia. Assisti á sua passagem com um sorriso constante que, de vez em quando derivava em gargalhada e não se pode dizer que a presistência do meu sorriso fôsse provocada pela suave sensação de assistir a um espectáculo, de borla. Estou habituadissimo a ir aos cinemas de borla, de tal modo que penso, ás vezes, que os empresários tinham obrigação de me pagar para me terem lá.

A Anny Ondra está a refinar no seu género de graça e, neste filme, Carl Lamac sai completamente da sua fatigante série music-hall. Desta vez a Anny Ondra já não é uma rapariguinha humilde com muito geito para o teatro. Continua endiabrada mas sem geito para o teatro. Valha-nos isso.

Mas, a respeito de crítica, fico por aqui. O Domingos de Mascarenhas está encarregado de faze-la.

Uma observação para fechar: entre os assistentes desta primeira pre-exibição da Agência Cinematográfica H. da Costs, havia alguns que não eram assinantes de «Animatógrafo» e que foram convidados, a título de isca. Se quizerem lá voltar têm que assinar a nossa revista, excepção feita á imprensa e ás pessoas que de qualquer forma se encontram ligadas á Agência.

Já é histórica a guerra surda que todos os exibidoros moveram sempre contra as exibições particulares. Diziam êles com uma lógica também plausivel sob um ponto de vista geral, que o público espectador dessa ante primeira exibição poderia não gostar do filme e dizer mal dêle a tôda a gente, prejudicando portanto o seu resultado comercial. A Agência H da Costa concorda até certo ponto com essa ideia e admira-se que o nosso meio é rialmente acanhado demais para que essas maledicencias pequeninas não sejam prejudiciais. No entanto a Agência H. da Costa confia na qualidade excelente ou pelo menos sempre agradavel dos seus filmes para não recear uma contra publicidade desse género. Que não se suponha com isto que nós queremos colocar os filmes da Agência num plano de superioridade inatingivel. Limitamo-nos apenas a fazer sentir que qualquer empreendimento por mais absurdo e descolocado que pareça, pode ser levado a efeito quando a entidade que os pratica tem uma suficiente noção das proporções.

A Agência H. da Costa pretende apenas praticar da maneira que melhor lhe parece, a publicidade que mais lhe convem. A Agência não pede nada a ninguém. Pelo contrário: oferece Temos porém a certesa de que os nossos leitores saberão compreender o valor prático desta iniciativa, inédita entre nós e duma indiscutivel simpatia.

Nesta primeira experiência foi já verificado um êxito bastante compensador para «Animatógrafo». Durante as duas ou três horas que precederam a sessão privada, choveram desenas de assinaturas na bilheteira do Central onde se tinha organizado um serviço especial para êsse fim.

Esperamos agora que os nossos leitores avulso, não hesitem mais tempo em assinar «Animatógrafo» que nos oferece, o mais desinteressadamente que é possivel conceber, vantagens que até hoje nenhuma revista do género teve recursos e prestigio suficientes para proporcionar aos seus leitores.

Ellissen

PÁGINA DO PÔRTO

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Retine no corredor, insistentemente, a campaínha.

Corre com lentidão a cortina de veludo e cintilam agora, como pirilampos, as lentejoulas do veu diáfano que dissimula o écran.

Vai começar a sessão, o primeiro programa que vos apresento. Oxalá que os espectadores não desertem após a «première»...

Animatógrafo

O Pôrto recebeu com certo encantamento esta nova revista, por cujo número anciava.

E' tradicional o bom acolhimento que os tripeiros costumam dispensar a todos que chegam mòrmente quando trazem consigo bons intuitos, prèviamente enunciados.

A Cidade Invicta obteve por conquista a qualificação de terra do trabalho, e, assim, colabora sempre com quem quer trabalhar.

Esta revista chega precisamente no momento em que a indústria da cinematografia sonora é introduzida em Portugal e o portuense vê com carinho estas duas novas demonstrações de actividade, tanto mais que o cinema é um dos seus passatempos preferidos.

O tripeiro laborioso, depois dum dia de labuta mais ou menos intensa, busca a calma para os nervos e o sossêgo para o espírito no «Animatógrafo».

Tribuna

O bairrismo portuense não é uma ficção; não nasceu da fantasia, mais ou menos mordaz, de quem não é do Pôrto. Existe, de facto, e não desperdiça os ensejos de revelar-se. Mas é equilibrado, razoável. Não é — nem nunca será — arrogante, quixotesco.

No campo extenso do cinema, impera também; tem as suas aspirações, os seus desejos.

Se as raparigas esbeltas que deambulam pelas ruas da cidade, e esmaltam, com a sua graça, as sessões do S. João, não ocultam o orgulho nos seus corpos coleantes, se estilizaram o rôsto e o andar, se os rapazes criaram bigodes ridículos, há quem se não contente com estas exteriorizações de cinefilismo, a quem êstes exibicionismos não bastem.

O portuense culto, o tripeiro artista e bairrista, ambiciona uma demonstração clara e exacta das belezas do seu burgo, da actividade do seu braço, do progresso da sua indústria, da imponência dos seus monumentos e do gôsto da sua moderna arquitectura, num bom documentário.

Fica advogada a causa do Pôrto.

Os cinemas e o público do Pôrto

Ao iniciar a página do Pôrto, é justo recordar, de relance, o que tem sido a vida cinematográfica da segunda cidade, do país.

Não vou, certamente, contar-vos a história conhecida do «Salão Pathé», da Rua José Falcão, que há muito se encerrou, nem tão pouco, descrever-vos a evolução do «High-life» e do «Passos», companheiros daquele, de há duas dezenas de anos.

Recordarei, apenas, a actividade dispendida pelo Pôrto em favor da *sétima arte*, lembrando-vos o esfôrço da Cidade Invicta na produção de alguns dos primeiros filmes nacionais, que, embora modestos de ambições, fizeram a sua época e tiveram o condão de despertar entre nós uma indústria que hoje ressurge, actualizada e apetrechada para melhores cometimentos.

* * *

Ás salas passaram modestas dos primeiros tempos sucederam os magníficos salões de hoje, dotados de óptimas instalações sonoras e de projecção, que rivalizam com as melhores da capital.

Marcha na frente dos nossos cinemas o «S. João Cine». O antigo teatro de ópera, em cujo palco celebridades líricas das maiores do mundo, condenado a uma inactividade insustentável, reagiu e encontrou, com a sua adaptação a êste novo género de espectáculo, a vida que lhe era indispensável, a continuidade de trabalho, que justifica a existência das construções da sua categoria.

Talvez em obediência à tradição, o «S. João Cine», o mais luxuoso cinema do país, é a sala preferida pela melhor sociedade portuense.

Vem em seguida o «Trindade» o antigo (não no aspecto) animatógrafo. No seu extenso salão fôram projectados inúmeras obras primas do «silencioso».

Conserva, ainda hoje, a par da onda de novos cinéfilos, um público muito seu, constituído por freqüentadores já clássicos, que vêm ainda dos tempos, já distantes, dos filmes americanos, que atraíam as massas populares com a promessa de revelarem *no próximo episódio* a sorte da vedeta (que era sempre bonançosa).

Temos, agora, o ultra-moderno «Rivoli», edifício próprio, de linhas sóbrias, que, com a rapidez de Fregoli, passa do cinema ao teatro e vice-versa.

O seu público é, por enquanto incerto, próprio duma sala que não tem, por enquanto, um género de espectáculos definido.

O pequeno «Olímpia», todo marfim, com o seu ar familiar, muito embora se dedique quási exclusivamente a «réprises», tem os seus apreciadores, que não trocam o seu confôrto e aconchego pelas primícias de apreciar um filme de estreia, noutra sala qualquer.

Finalmente, vem o «Batalha», que, nos tempos saüdosos do Max Linder, reünia os paladinos do novo espectáculo.

E' o cinema popular por excelência, onde os bons cinéfilos não desdenham, contudo, levar as suas famílias, qua do ali se exibem — não raras vezes — excelentes filmes em estreia no Pôrto.

No entanto, ali, as massas populares estão como o *peixe na água*, quando o écran as brinda com um «western» da sua real predilecção.

Encontram-se encerrados o «Aguia de Ouro» e o «Passos».

O primeiro reabrirá, por certo; não é justo que se negue ao público o prazer de vêr cinema numa das suas melhores salas, pela qual nutre a maior das simpatias.

O último merecia bem, pelo muito que representa no passado cinematográfico do Pôrto, que o tirassem da apatia a que está condenado.

Há mais uma meia dúzia de pequenas salas, espalhadas pelo Pôrto, a maior das quais, o «Odeon», merecia bem melhor sorte do que a que tem tido, mas a cidade não sustenta ainda cinemas de bairro, como Lisboa.

Um «Royal», um «Lis», ou um «Palácio», no Pôrto, estariam condenados desde o nascimento.

Aqui fica, leitor, o inventário cinematográfico do Pôrto trabalhador, cujo interêsse pelo cinema é grande, mas que maior será se conseguirmos prendê-lo com uma produção nacional que o enleve pela compreensão da língua e dos costumes.

ANTÓNIO FIGUEIREDO

Espera-se a réplica da Sociedade Portuguesa de Filmes Sonoros.

Sol

«O cinema português».

Como seríamos felizes se lêssemos um dia na imprensa estranjeira, enquadrada de bons adjectivos, esta legenda.

Cinema russo... Cinema português... Os extremos tocam-se, por vezes. Porque não há-de o cinema, em Portugal, criar característicos que o imponham, como aconteceu na Rússia? Dispomos, como ela duma paisagem rica; possuímos mulheres e música típica, não menos belas.

Criemos o cinema português, fazendo do nosso sol a razão dominante do seu triunfo. Mas é bom utilizá-lo com parcimónia...

Lembro-me sempre de que, quando fiz as primeiras fotografias, me recomendaram cuidado, não fôsse êle, por excesso, velar as chapas.

Beijo final

Caíu em desuso êste velho costume. Raras vezes vemos já um beijo final em «gros-plan».

Mataram-no os excessivos transportes de entusiasmo de certos astros e a nórdica frieza de determinadas estrêlas.

«...a arte de beijar é uma arte exquisita...» Se assim não fôra, eu encerraria esta primeira crónica com um grande beijo colectivo, extensível a tôdas as leitoras de «Animatógrafo»... com menos de trinta e cinco anos.

FIG

CRÍTICA

Apresentações Corporativas

A FILHA DO REGIMENTO



(La Fille du Régiment)
de **CARL LAMAC**

Este filme pode ser apontado como modelar, no seu género.

Uma comédia pretende divertir e, quando seja possivel, fazer rir. Evidentemente que, quando não consegue alcançar nem só o primeiro dêstes objectivos, essa comédia... não o é, é tragédia...

Mas entre as comédias que o são mesmo, é justo fazer uma distinção. Para nós, uma comédia —ou com mais precisão, uma cinecomédia—é tanto mais de apreciar quanto o seu espirito, é saüdavel, limpo e natural. E isto, além do resto, porque entendemos que é muito mais fácil conseguir o riso com qualquer história ambigüamente suspeita ou á fôrça de situações equivocas do que por meios simples, sãos, despidos de segundos sentidos menos puros.

E' por isso que a *Filha do Regimento* tem para nós um valôr muito especial. O filme diverte de ponta a ponta e nem um só instante se recorreu a uma sugestão mais maliciosa. O cómico surge espontâneamente, nasce ora do imprevisto das situações ora da extravagância das atitudes dos interpretes, a intriga possui aquela simplicidade indispensável a tôda a obra cinematográfica e ás comédias mais do que a qualquer outras.

Descobriram desta vez o «fundo» ideal para Anny Ondra: um regimento de *highlanders*. Nunca Anny apareceu tão engraçada como nêste filme, vestida com a caracteristica farda escossêsa. E depois o ambiente da caserna—duma caserna que é quási um club de Regent Street—prestou-se para cenas alegres e movimentadas.

A tradicional sovinice dos escossêses deu lugar a um dos melhores *gags* do filme: os criados na cave, revezando-se no gargalo das garrafas e no *bel'canto* para que a patrôa não deixasse de ouvir a voz, garantia contra qualquer possivel abuso dos servos. Mas a melhor cena do filme, como desenvolvimento duma ideia cómica, que vai num *crescendo* fantástico, é aquela em que Anny empreende a sedução do contrabandista até o reduzir aquêle estado de beatitude propicio para o abater definitivamente. Quando a Anny começa a interpretar a seu modo a cena da sedução da «Carmen», não há ninguem que consiga ficar sério. E' simplesmente espantoso! E como este quantos outros momentos felicissimos, estusiantes de graça!

Os exteriores são maravilhosos: paisagens de neve, idealmente imaculadas.

De Anny diremos simplesmente que não haveria outra pessoa capaz de fazer como ela a «Marie Treize». Pierre-Richard Willm com mocidade e distinção. Os outros todos bém.

Carl Ramac realizou o filme impecávelmente. Uma única observação: não gostamos do tom pardo da fotografia. Para nós ainda não ha como o preto e branco.

Enfim, quando o filme acaba ficâmos com saüdades dêle, exactamente como a «Marie Treize» ficou com saüdades da vida do regimento. Mas ela ficou com mais, pois que lágrimas lhe nublaram a vista.

E' esta a segunda vez que vemos no cinema uma imagem empaneada pelas lágrimas de uma personagem. A primeira foi nas *Docas de New-York* quando a Betty Compson tenta enfiar uma agulha.

Festas Felizes

(Palmy Days)
de **EDWARD SUTHERLAND**

Lugar quási exclusivo da acção: uma grande fábrica de doçarias e a respectiva casa de venda onde os operários e empregados são lindas raparigas que só conhecem duas *toilettes*: o *maillot* e um *travesti* de exiguas proporções. Anexa à fábrica uma sala de jogos e uma piscina onde impera a fantástica Charlotte Greenwood, aquela mulher alta e sacudida que nos deliciou no *Parlor, bedroom and bath* de Buster Keaton. Por artes de berliques e berloques vem a ser gerente desta empreza o impagável Eddie Cantor. O que se passa nêste meio e com êstes elementos, não se descreve, porque é impossivel.

O filme, dirigido com segurança por Ed. Sutherland, o realisador dos *Diabos do Ceu*, é duma

Actualidades

Esta semana tivemos dois programas com «actualidades», ambos da Pathé. *Não se pode dizer que fôssem brilhantes. Para nós as actualidades» são tanto melhores quanto maior fôr a importância dos acontecimentos que focarem e, claro está, quanto maior fôr tambem a sua perfeição técnica. Esta regra, como todas tem excepção. Mas, em principio, interessa muito mais vêr deitar á água o «Normandie» de 75.000 toneladas do que o «Paul Doumer» seis ou sete vezes mais pequeno.*

Isto vem a propósito dos acontecimentos que a Pathé *nos mostrou a semana passada. Um dentista a pôr dentes num leão, não é positivamente um acontecimento de retumbância. Quando muito será um facto curioso que não fica mal entre outros factos, mas êsses de importância.*

Ora todos os outros assuntos focados pelos operadores da Pathé, *ou quási todos, são de importância equivalente á da operação dentária referida. Umas casas de madeira que atravessam um rio sôbre jangadas; um avião donde deitam erva aos gamos forçados pela neve a jejuar, no Idaho; uma escola (?) para ensinar os pais a fazer um certo número de serviços de que as mães se deveriam ocupar; um navio encalhado; um* zeppelin *num vôo de experiência; uma excursão dos operadores da* Pathé *ao hospicio de S. Bernardo, nos Alpes, e o resto no mesmo teor.*

Evidentemente, êstes, factos podem figurar em «actualidades» e não fazem nelas muito má figura. Mas quando as «actualidades» constam só de semelhantes assuntos, ficam um pouco pobres. Tudo isto não passa de curiosidades, bôas para «entremear», mas, que não devem ser servidas a sós.

A Agencia Cinematográfica H. da Costa fez passar na sua primeira apresentação corporativa a Revista Mundial H. da Costa, n. 27.

Nela vimos alguns aspectos das eleições de 5 de Março em Berlim, de grande valôr documental, principalmente quando focaram os intermináveis desfiles das formações «nazis» e dos Capacetes d'Aço. Mostrou-nos tambem os imponentes funerais do estadista hungaro Conde Albert Apponyi, a inauguração da emissora do Vaticano pelo Papa e por Marconi e vários aspectos interessantissimos da Feira da Primavera em Leipzig, que dão bém uma ideia do que seja a importância industrial da Alemanha.

Como assuntos de segunda categoria vimos o lançamento á água do «Cordillera», uma festa tipica do Tirol e o navio «Westfalen» que vai ser no meio do Atlântico o precursor da futura I. F. I autêntica.

Chama-se a isto um programa de «actualidades» bém equilibrado. Só é pena que não tenha sido apresentado mais cêdo.

Documentários Portuguêses

O Estúdio da Tobis—*Documentário mudo dos trabalhos na Quinta das Conchas. Bela fotografia o original realisação. Ao vêr o imponente edificio do estúdio não há nenhum cinéfilo* de verdad *que não se sinta satisfeito. O que êste documentário nos mostra, representa um passo tão grande a favor da cinematografia nacional que não cabe aqui comentá-lo.*

Visita Ministérial ao Estúdio—*Não se póde exigir mais como clareza de som. Das palavras ditas pelos Ministros, vice-presidente da Câmara, Inspector Geral dos Espectáculos e eng. Paulo Brito Arânha nem uma se perdeu, ou sequêr, nos chegou aos ouvidos deformada.*

A Companhia deve sentir-se satisfeita com o seu pessoal técnico por êste ensaio.

Cultura mecânica da Batata *da Lisboa Film. Operador Salazar Diniz.—A qualidade da fotografia e a fórma inteligente como o assunto foi tratado impediram que um semelhante documentário—de interêsse restricto á classe agricola—maçasse um só momomênto o público em geral.*

Covilhã e os seus arredores *da Invicta Film—Um documentário nos velhos moldes: vistas gerais, vistas parciais, um aspecto duma feira, um rebanho, uma fábrica, uma lavadeira, etc. A fotografia nem sempre é impecável.*

Um reparo: para que será que põem legêndas como estas—uma lavadeira—um rebanho? Tôda a gente sabe que uma mulher a lavar é, pelo menos nessa altura, uma lavadeira e que uma porção de ovelhas guardadas por um pastor é um rebanho. Se é só para que o documentário se estique até aos 100 metros, o processo é condenável. Se não é, essas legendas são, pelo menos desnecessárias.

Mossâmedes—*Será dificil fazer pior, sob todos os pontos de vista. Peliculas como esta nunca deviam passar pela prova da sua apresentação em público.*

Desenhos animados

O Grande Campeão. *The big cheese. (Fábula de Esopo)—Regular. Bém imaginado mas mal realizado. O combate de box prestava-se para coisas colossais que ficaram por fazer. Um* gag *feliz: o grande campeão vai tocar piano e... serve-se dêle como de um armónio.*



fantasia e dum imprevisto que diverte prodigiosamente. Desde as primeiras imagens que ficamos sabendo com que género temos que nos haver. Por isso as maiores tolices que depois aparecem não nos chocam, pois já as esperàvamos.

A «maneira» de Eddie Cantor é semelhante à dos Marx, o que não quere dixer que êste seu filme se possa enfileirar no mesmo género que *Agulha em Palheiro*. Aqui não acharam Cantor suficinte e deitaram mão de «caras bonitas», para impôr o filme como num *Folies* Newyorkino e, há dois ou três anos, isso diminuiu-o.

Os números de dança, apesar de tôdas as habilidades, são excrecências que Cantor pode dispensar.

A sua fantasia não precisa de amparos. Mostra-o bem em *Festas Felizes*.

Os *gags* sucedem-se ininterruptamente, num caudal de graça. No fim não se sabe a qual achámos mais. Vai-se de surpreza em surpresa, a um ritmo quási sempre vertiginoso.

Quem conhecer inglês diverte-se muito mais, porque o diálogo é cheio de graça também. Mas quem o não souber pode ter a certeza de se divertir da mesma maneira, porque a graça do filme é, acima de tudo, cinematográfica, isto é, visual directa.

Eddie Cantor revela se ao público nêste filme, como *Agulha em Palheiro* lhe revelou os Marx. E' um dos artistas que mais teve a ganhar com o sonoro. Nos sens filmes mudos nunca póde brilhar como aqui. Mas agora desforra-se e por forma inconfundivel, absoluta, definitiva.

Em resumo: ficámos ansiosos por mais filmes de Eddie Cantor.

Mãos culpadas

(Guilty Hands)
de W. S. VAN DYKE



Um advogado de talento vê-se na necessidade de matar um devasso das suas relações para salvar a filha, pois êsse cavalheiro lembrou-se de casar com a rapariga e esta não pensa noutra coisa, avesinha implume hipnotizada pelo milhafre carniceiro... Mas o advogado é de talento, como já se disse. E por isso teve o cuidado, não só de não deixar vestígios, como de praticar o crime de forma a que pareça um suicídio e ainda de arranjar um alibi indiscutivel. Este alibi é conseguido por forma muito hábil, que depõe a favor do espirito invertivo do advogado: um gramofone, uma silhueta de papel, uma lâmpada eléctrica e uma janela. Ssmplesmente, apesar de todos êstes cuidados, o crime é descoberto por uma antiga amante do assassinado. Mas esta tem de calar-se, intimidada por uma ameaça do advogado, que a domina com uma argumentação especiosa. A policia aceita a explicação do suicídio, mas o criminoso é castigado apesar de tudo pela justiça imanente, que faz com que os músculos do morto se contráiam a propósito.

E assim se mostra ao público que o assassinio nunca é justificável e que o crime é sempre punido, nem que seja por um morto.

A história é sem dúvida bem arquitectada e lógica a-pesar-de certos pormenores demasiado fantasistas e injustificáveis, o que é velho apanágio das histórias dêste género.

Van Dyke realizou o filme de maneira a merecer elogios, se esquecermos que deu aos diálogos uma importância que não devem ter num filme. Há coisas que são explicadas por palavras que podiam ter sido mostradas por imagens, e com vantagem.

Lionel Barrimore tem nêste filme mais outra interpretação perfeita.

A sua personagem impõe-se, subjuga. Kay Francis e Madge Evans bém, em papeis, de resto, simples.

Resumindo: um filme que não é mau e um espectáculo que é muito bom.

Esta... ou nenhuma

(Die oder keine)
de CARL FROELICH



Esta ou nenhuma é uma ópera, uma operêta nos velhos moldes. Dito isto, os leitores já sabem que o protagonista é um principe, que há uma vedeta loira e com bôa voz e muitos coros mais ou menos de soldados.

Há evidentemente possibilidade de se fazer um espectáculo agradavel com uma opereta fonofilmada, desde que se arranje um argumento com uma pontinha de originalidade, interpretes com *charme* e fantasia, música bonita e o resto a condizer.

Lubitsch provou-o na *Parada do Amor*. Mas, claro está que o espectáculo valoriza-se 100 o/o se a tudo isto se juntar uma bôa dóse daquela fantasia cinematogràfica que Wilhelm Thiele inaugurou no *Caminho do Paraiso*.

Ora em *Esta ou nenhuma* nada disto se encontra. O argumento é duma banalidade aflitiva, a realização duma pobreza franciscana.

Se no *Caça-los vivos* há um tigre bem aproveitadinho, no *Esta ou nenhuma* há uma cantóra que o não foi menos, Gitta Alpar, estrêla da Ópera de Berlim, é essa cantora. Deve ter sido caro o contrato, a avaliar pelo que a fizeram cantar. Tem, de facto, uma linda voz, com muita escola e muito estilo. Mas está provado que isto são qualidades que o cinema dispensa de de bom grado. Lilian Harvey não tem escola, nem estilo, nem voz e apesar disso Gitta Alpar não lhe dá nem pelo joelho.

Os momentos mais felizes do filme são a cena do palco e a passagem da fronteira pela *troupe* do teatro, principalmente quando Max Hansen imita, ridicularizando-a, a própria Gitta Alpar.

Não se fique julgando, pelo que acima se escreveu, que êste filme seja daquêles que nem valor comercial têem. Estamos convencidos que o «grande público» não achou mau e até temos a certeza de que muita gente achou muito bom.

Minha mulhér, noiva de outro!

(M.elle Josette, ma femme)
de ANDRÉ BERTHOMIEU

Na sua primeira parte o filme é uma autêntica comédia de costumes: caricatura amàvelmente alguns tipos da burguezia rica. Depois muda de aspecto.

A partida para a viagem de núpcias marca a transição.

E o resto do filme filia-se naquele género de que o *Dois num automóvel* pode ser apontado como tipo.

A acção, extraída duma velha peça francesa, é engraçada e até certo ponto original. Souberam remoçá-la e adaptá-la ao cinema e tão acertadamente que as suas «complicações», essencialmente teatrais, não custam a aceitar numa comédia cinematográfica.

O primeiro mérito do filme está, no entanto, na sua realização. A intriga foi tratada em cinema, pelo cinema e para o cinema. E é por isso

Farsas

Diabruras de Slim. *The Sargie's Playmate— Desta vez Slim Summerville e Eddie Gribbon foram até uma Russia de pacotilha e disputaram lá uma aia de duquêsa e... a duquêsa. A cêna final, das camisólas, é a melhor.*

Mais outro sarilho. *Realisação de James Parrot. Stan Laurel e Oliver Hardy* for ever! *Hardy a fingir de coronel e Laurel de Ayres e Inês, intermitente, foram mais uma vez impagáveis. A ideia-base do argumento muito feliz.*

Atracções

O Jardim Zoológico de Nuremberg. *Ficámos sabendo que em Nuremberg há um esplêndido Jardim Zoológico, onde, como é de justiça, há camêlos, zêbras, macacos, fócas e outros bichos, exactamente iguais, de resto, aos dos outros jardins zoológicos. As legendas do filme podiam ser melhores. Para que anunciar: «as zebras correm ali como no Transvaal», se depois os vemos paradas?*

Variedades sonoras n. 2 da AAFA—*os mesmos números de* music-hall *do n. 1 com ligeiras variantes. Sem interesse cinematográfico e, fóra um, sem interesse de qualquer especie.*

D. M.

que a sua origem teatral nunca se suspeita. Berthomieu soube aplicar alguns processos cinematográficos na devida altura, valorizando extraordinàriamente certas cenas que, por si só, não tinham interêsse de maior. Exemplo frisante disso é o comentário visual da fala de Duttilleul, logo no inicio do filme.

As cenas de ar livre ficaram àquem do que se podia conseguir. Veem-se indubitavelmente paisagens muito belas; conseguiram-se belos efeitos com os sports da neve. Mas podiam ter feito melhor. Era preciso mais alegria, mais movimento.

Anabella inferior ás suas possibilidades. Jean Murat num papel que lhe vai como uma luva — um solteirão de 40 anos que se deixa apaixonar pela afilhada.

Etchepare igual ao Etchepare dos outros filmes — e isto não é uma censura, antes pelo contrário.

O Mistério do Avião Correio

(The Air Mail Mistery
de RAY TAYLOR



Os últimos quatro episódios desta *serial* sensacional são certamente os melhores.

A técnica continua a ser excelente. Famosas as cenas de pancadaria, óptimas as da aviação. Tudo quanto se passa na «camara escura» é do melhor, como iluminação.

A novela complica-se, préga-nos partidas, tem surpresas retumbantes, soluções imprevistas de casos bicudos. Nêste último ponto há coisas estupendas: Bob Lee — o herói —é atirado do alto de um enorme andaime. Que fazer para que não quebre os ossos? Só isto: o rapaz agarra-se no caminho a umas traves. Depois o Bob disfarçou-se de *Gavião*. A noiva não sabe de tal, julga-o o próprio, e ferra-lhe um tiro. O Bob cai. E agora? Temos o rapaz gravemente ferido, pelo menos, de cama imenso tempo?

Não senhor! O Bob levanta-se e diz só isto: *I'm all right!* E estava mesmo!

Colossal! DOMINGOS MASCARENHAS



OS NOSSOS LEITORES COMEÇAM A UTILIZAR COM ASSIDUIDADE O NOSSO SERVIÇO DE CONSULTAS CINÉFILAS E DE «POSTA RESTANTE». TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE, R. DO ALECRIM, 65-LISBOA*

Correio dos Cinéfilos

Vénus da Costa do Sol — Desculpe, mas não acredito que seja *únicamente* simpática. Permita também que acredite sinceramente, nos seus dotes de beleza e de elegância; a modéstia em demasia não é virtude... — Quanto ao que me diz sôbre as suas aspirações tem agora uma esplêndida oportunidade, no concurso para a intérprete da *Canção de Lisboa*. Porque não experimenta? — Verá hoje na secção Posta Restante o que lhe interessa. — O nosso Olavo, lamentando não poder fazê-lo pessoalmente, pede-me para que, por êle, eu lhe retribua o seu abraço... E até breve!

Eduardo Brito — *Abrantes* — Todos os que trabalham em *Animatografo* agradecem as suas felicitações — Aí vão os títulos originais de alguns fonofilmes de Gustav Froelich: *Der Unsterblich Lump* (O vagabundo imortal), *Liebskomando* (O tenente do amôr), *Unter Falsche Flagge* (Sob uma falsa bandeira), *Ein Lied, ein Kuss, ein Mädel* (Uma canção, um beijo, uma mulhér), *Ich will nicht wissen wer Du bist* (Não quero saber quem és...) que agora se exibiu no Central, com enorme êxito, — E escreva sempre que quizér.

Nemo — *Coimbra* — Acho interessante a sua carta, e muito lhe agradeço as boas palavras que dedica à nossa revista, assim como o papel que nos distribue... — Na Posta Restante publico o que me pede.

João Silva — *Viana do Castelo* — Não, senhor, não nos maça nada; eu não estou aqui para outra coisa que não seja para prestar informações aos leitores. — Clarinha, por quem o meu amigo — e determinado camarada meu — têm um certo *béguin*, nasceu em Brooklyn a 5 de Agosto de 1905. — Recebe correspondência em Movietone City, 1401, North Western Avenue, Hollywood. — Manda retrato, com certeza.

Seoj Radute — *Lisboa* — Agradeço-lhe amigo José Duarte, as suas simpáticas saudações. E quando necessitar saber qualquer coisa, não vacile, escreva a Dr. Celuloide, que lhe responderá com prazer.

Sérgio — *Lisboa* - Sensibilizados pelos seus elogios, que agradecemos — E' possível que *Canção de Lisboa* tenha isso tudo. — Esses artigos de Olavo virão na hora própria, que como vê, não vem longe. — Quanto aos seus «bonécos» o mais que lhe posso dizer é que no-los pode mandar; se estiverem nas condições, não teremos duvida em publicá-los. — Estamos sempre ao seu dispôr.

Um cinéfilo conquistador. *Lisboa* — Para se utilizar dos nossos descontos nos cinemas não é preciso ser assinante; Leia o que a êsse respeito dizemos nêste número. — Na Posta Restante encontrará a satisfação do seu desejo.

Cochon de Lait. *Coimbra* — Terei sempre prazer em elucidá-lo no que ignorar. Agradeço-lhe as simpáticas palavras com que me distingue. *Sombras Brancas* foi o primeiro filme sonoro exibido em Portugal. Interpretavam-no Monte Blue e Raquel Torres. — O primeiro filme da S. P. F. S. é *Canção de Lisboa*. Quanto ao filme que deve inaugurar o estúdio é que não se sabe, visto não estar ainda concluido. — O correspondente de *Animatografo* em Coimbra é o sr. dr. Adolfo Casais Monteiro.

Maria Angélica Santos. *Santarém* — Adolphe Menjou terminou há pouco o filme da Columbia *The Murder of a Circus Queen* (O Assassinato duma artista de circo), filme policial em que Menjou interpreta um detective. — Pode escrever-lhe para Columbia Studios 1438 Gower Street, Hollywood. d calif. — Suponho que mandará retrato. — Sempre ás suas ordens.

Fernandinho — *Sintra* — Descance; o caso das pessoas que não puderem ou não quiserem ir a Berlim também está previsto.

Um cinéfilo — *Lisboa* — Sim, senhor; *I F 1 não responde* é em verdade um filme de grande categoria, que todos os cinéfilos não devem deixar de vêr. — Estranhamos que o amigo tenha realmente visto a fita e não tenha percebido ou pelo menos lido nas legendas que *Damsky* procurava aniquilar a ilha por incumbência duma entidade inimiga dos estaleiros Lenartz e de nacionalidade não definida por uma questão de diplomacia. — Para a semana lhe darei o resto das informações que nas suas duas cartas me pede.

João da Cruz e Costa — *Braga* — O último filme de Sylvia Sidney é *Madame Buterfly*, extraída da famosa ópera de Puccini. Nêle tem como galã Cary Grant, um novo artista que está sendo muito falado. — Pode escrever-lhe para Paramont Studios 1520 Ville Street, Hollywood. Calif. — Está solteira. — Agradecemos as suas amáveis palavras.

Mary Light — *Evora* — Simpática Maria da Luz, tem-nos sempre à sua sua disposição para tudo o que precisar. Quando quiser alguma informação ou tiver qualquer dúvida não tem mais que escrever-nos. Com prazer lhe responderemos. — Lilian Harvey, que como sabe está agora interpretando para a Fox o filme My Lips betray (Meus lábios não mentem) com John Boles por *leading-man* Ao escrever-lhe enderece para Fox Studios, 1401 North W. Avenue, Hollywood, ou para sua própria casa em Benedict Canyon, em Hollywood também. — Escreve sempre.

Greta Garbófilo — Lisboa. Greta como deve ter lido em *Animatógrafo*, encontra-se já em Hollywood pronta a interpretar *Rainha Christina* cuja acção se passa na Suécia, no século XVII. — O seu último filme foi *Grand Hotel*. — Escreva-lhe para a Metro Goldwyn Mayer Studios. Culver City, Calif. — O melhor fonofilme histórico que vimos até hoje é *O Concêrto Real de Sans-Souci*.

Dr. Celuloide

Posta Restante

Venus da Costa do Sol — acede a corresponder-se com *Henry Garat disfarçado*. Basta que êste nosso leitor nos diga para onde lhe poderá escrever.

Nemo — nosso leitor de Coimbra teria imenso prazer em «trocar correspondência com cinéfila gentil de preferência d'arriba-Mondego». Basta escrever por nosso intermédio.

O Principe Negro — Desejaria corresponder-se por nosso intermédio com leitoras de *Animatógrafo*.

Um cinéfilo conquistador — de Lisboa, gostaria de ter ensejo de trocar correspondência com leitoras nossas, sôbre «amor, cinema e desportos».

ANIMATOGRAFO ANO I NÚMERO 4

Lisboa, 24 de Abril de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO** Secretário da Redacção: **FÉLIX RIBEIRO** Editor: **JOÃO PEREIRA E SOUSA**

Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 — Impressão: — Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa — Gravuras de **BERTRAND IRMÃOS**

Propriedade da **SOCIEDADE EDITORIAL AEC, Ltd.** Publicidade a cargo de **HUMBERTO BORGES DE CASTRO**

ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA **Preço 1$50**



CLARK GABLE

Sabem os nossos leitores que o famosíssimo Clark Gable, herdeiro presuntivo do trono de Ruddy, viu o início da sua carreira dificultado pela disposição ingrata das orelhas que Deus lhe deu?... Corriam-no sem cerimónia dos estúdios, negando-lhe o mais curto «test». As orelhas de Clark são realmente um caso sério. Pertencem à espécie das chamadas «em abano» ou «em asas de fogareiro» e produzem realmente um efeito desastroso no ecran. Agora que o talento do «troglodita com um cocktail numa das mãos e um livro de versos na outra» se impôs a toda a gente, os produtores e as «fans» até acham graça às «orelhinhas»...



JEAN PARKER

Calculem que esta linda rapariga, que aqui exibe um fato de banho de gôsto indiscutível, não é, na América, uma estrêla — nem nada que com isso se pareça! E' quási uma figurante, uma extra quási anónima... Em Portugal, com um concurso de fotogenia a jeito, ganhava os dez primeiros prémios!